

## HORÁCIO E RICARDO REIS

Cesar Lopes Gemelli\*

**RESUMO:** O texto que segue foi desenvolvido durante a graduação após a apreciação em sala de aula sobre como a poesia do heterônimo de Fernando Pessoa, Ricardo Reis, segue os caminhos da poesia de Horácio. Por objetivo, procurou-se verificar como as obras poéticas em questão podem se aproximar ou se afastar e em que medida a usual comparação entre ambos é válida, buscando explorar alguns aspectos dessa relação. Através da leitura dos textos e de comentaristas, pode-se verificar que o paralelo é desmesurado.

**PALAVRAS-CHAVE:** Reis – Horácio – Pessoa

**ABSTRACT:** The following text was developed during undegraduation studies after an appreciation in the classroom of how the poetry of Fernando Pessoa's heteronym, Ricardo Reis, follows the steps of Horace's poetry. The aim is to verify how the poetical works at issue come closer or apart from each other and in what measure the usual approximation between both is valid, exploring some aspects of this relation. Through the reading of the texts and scholars one can realize how disproportionate this parallel can be.

**KEYWORDS:** Reis – Horace – Pessoa

Ao iniciar esse trabalho, tinha em mente apenas o desafio provocado pela comparação entre Ricardo Reis e Horácio. Afirma-se a semelhança já por hábito e a mesma soou, a princípio, descompromissada ou óbvia. Não sendo clara, para mim, nenhuma dessas hipóteses, pois não cri que se pudesse aproximá-los levemente e também não podia eu ver as semelhanças, pareceu ser esse um tema útil, visto que permitiria possivelmente esclarecer, diante de meus olhos, uma grande obviedade vista supostamente apenas pelos outros. Horácio é citado em sala de aula como ponto de referência para todo o classicismo, desde Tomás Antônio Gonzaga até Rousseau e os primórdios do Romantismo. Considerando deveras variadas as referências, não mais aceitaria tais afirmações e dispus-me a conferir a procedência das mesmas.

A proposta inicial me pareceu simples. Ler toda a produção de Horácio disponível<sup>1</sup> e também de Ricardo Reis<sup>2</sup> e prontamente compará-la tentando verificar semelhanças e diferenças. Lesa ilusão. A obra de Horácio é extensa e não é diretamente acessível. Contra o problema suscitado pela dimensão da obra horaciana, encontrou-se a solução de limitar o *corpus* apenas às Odes. Contra os problemas de acesso, busquei alguma mediação histórica para se ter acesso a suas Odes e Epodos, - suas cartas são mais acessíveis por serem mais íntimas, basta contextualizá-las historicamente - mediação que foi encontrada no fantástico livro *A Elegia Erótica Romana* de Paul Veyne e nos manuais de literatura consultados. Surgiram então os primeiros problemas, porque o tema é vasto e amplo e a mediação proporcional. Alguns livros não puderam ser consultados, ou pela indisponibilidade nas bibliotecas locais, ou pelos limites impostos a um trabalho de graduação que não comportou a pesquisa que vi se abrir

---

\* Graduando, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, [cesar.lg@gmail.com](mailto:cesar.lg@gmail.com)

<sup>1</sup> Para os textos de Horácio, utilizei as edições compiladas pela Loeb Classical Library.

<sup>2</sup> Para Reis uso a edição da Ática, mas que mostrou-se defasada pela mais recente edição da LPM.

diante de mim. Alguns dos livros que permaneceram inacessíveis foram: *Arte Alusiva* (1942) de Giorgio Pasquali, *Rhetoric of Imitation* (1996) de Gian Biaggio Conte, *The Anxiety Of Influence* (1997) de Harold Bloom, *Elementos da Retórica Literária* (1963) de Heinrich Lausberg, *Dhvanyaloka* (1955) de Anandavardhana, *Generic Composition in Greek and Roman Poetry* (1973) de Francis Cairns, *The Mirror and The Lamp* (1971) de Meyer Abrams, *The Structure of Horace's Odes* (1961) de Collinge, *Polyhymnia: The Rhetoric of Horatian Lyric Discourse* (1992) de Gregson Davis, *Reflexos Horacianos nas Odes de Correia Garção e Fernando Pessoa* de Rocha Pereira, *Horace and His Lyric Poetry* (1996) de Wilkinson, *Tradition and Originality in Roman Poetry* (1987) de Gordon Williams entre tantos outros títulos que muito interessariam. Descortinando a vastidão do tema e dos estudos já existentes, não mais pude supor leviana a aproximação entre os dois.

Quando partiu-se para a leitura direta das odes de Horácio, abrolhou-se a distância temporal. Paralisada a leitura, dirigi-me a bibliografia de apoio para apenas depois retomar a leitura direta. O mesmo não seu deu com as odes de Ricardo Reis que menos exige do leitor de nosso tempo por estar tão mais próximo e ser menos referencial. Aqui evidencia-se uma primeira diferença e um problema neste estudo: enquanto Horácio é multifacetado, dotado de um leque referencial que não pode ser ignorado ao risco de perder-se em entendimento, Ricardo Reis é mais sucinto em temas e referências. Nitidiza-se o heterônimo pessoano como tal. Ricardo Reis é um personagem descontextualizado, um heterônimo de Fernando Pessoa e suas odes são a produção literária desse heterônimo. Ricardo Reis isoladamente não se sustenta ao lado de Horácio, por ser uma criação pessoana. Horácio, sozinho, já é toda a literatura, uma literatura completa. O que diríamos de Lésbia se a colocássemos ao lado de Safo? A aproximação deveria ser feita entre Fernando Pessoa e Horácio. Sigo pela mesma breia unicamente para não abarcar mais do que posso, por enquanto, sustar em meus braços.

A dúvida que primeiramente me ocorreu, ainda durante as aulas, foi sobre como teria Fernando Pessoa entrado em contato com a literatura latina e se sabia latim. Novamente erra o jovem ao julgar o passado com os olhos do presente. Pessoa, apesar de muito próximo de nós, ainda teve acesso a dita boa educação de antigamente que tanto se inveja. Além do latim que aprendera com a mãe, Pessoa estudou no Liceu de Durban onde conheceu a literatura clássica. O liceu oferecia opcionalmente aulas de grego clássico e obrigatoriamente aulas de latim ambas ministradas por Mr. Nicholas. Pessoa destacou-se no estudo de latim, mas não interessou-se pelo grego. Aos dezesseis anos, nas aulas de latim, traduziu *Ad Pyrrham*, a ode quinta do livro primeiro de Horácio para o inglês com maestria usando uma linguagem assaz literária e metrificada que lembra o estilo elisabetano, mas, sob os auspícios eruditos de Mr. Nicholas, Pessoa baseia sua tradução na de outro poeta de grande porte: John Milton. Seu trabalho escolar data de nove de maio de mil novecentos e quatro:

Qui multa gracilis te puer in rosa  
perfusus liquidis urget odoribus  
grato, Pyrrha, sub antro?  
Cui flavam religas comam,  
simplex munditiis? Heu quotiens fidem  
mutatosque deos flebit et aspera  
nigris aequora ventis  
emirabitur insolens  
qui nunc te fruitur credulus aurea,  
qui semper vacuum, semper amabilem

sperat, nescius aurea  
fallacis! Miseri, quibus  
intemptata nites! Me tabula sacer  
votiva paries indicat uvida  
suspendisse potenti  
vestimenta maris deo.  
(Hor, I, 5.)

What slender youth, bedewed with odours grave,  
O couch of roses in thy pleasant cave,  
Pyrrha, doth court thee bold?  
For whom thy locks of gold  
Plain in thy grace dost braid? How oft shall he  
thy faith and changed gods bewail, and sea  
Rough with tempest's ire,  
Shall ignorant admire!  
Who now enjoys thee, of thy faith too sure,  
And always smiling and to him secure  
Hopes thee, of flattery  
Unmindful. Hapless he  
Whom untried pleases. Me on sacred wall  
My picture sworn that my dank garb recalls  
I hung at length, when free,  
To the Strong God of Sea.  
(Pessoa, Hóspede e Peregrino, 1983, 223)

A tradução de Milton é a que segue:

What slender Youth bedew'd with liquid odours  
Courts thee on Roses in some pleasant Cave,  
Pyrrha, for whom bind'st thou  
In wreaths thy golden Hair,  
Plain in thy neatness; O how oft shall he  
On Faith and changed Gods complain: and Seas  
Rough with black winds and storms  
Unwonted shall admire:  
Who now enjoys thee credulous, all Gold,  
Who always vacant, always amiable  
Hopes thee; of flattering gales  
Unmindful. Hapless they  
To whom thou untry'd seem'st fair. Me in my vow'd  
Picture the sacred wall declares t' have hung  
My dank and dropping weeds  
To the stern God of Sea.  
(Milton, Poetical Works, 82.)

Enquanto Ricardo Reis, por um lado, *nasceu em 1887 (não me lembro do dia e mês, mas tenho-os algures), no Porto, é médico e está presentemente no Brasil* (Pessoa, 1935) e nele Fernando Pessoa pôs toda a sua *disciplina mental, vestida da música que lhe é própria* (ibid) e se apresenta plenamente niilista e isolado do tempo, versa muito mais sobre o paganismo e passagem do tempo do que qualquer outro tema que, quando aparece, é apenas de forma satélite, pouco mais sabemos de Reis através de Fernando Pessoa.

A literatura romana, segundo Carpeaux *parece de segunda mão* (1960), pois importa valores, conceitos e temas que foram criados na Grécia. A literatura grega cria

sua própria realidade, ao passo que a romana parece se afastar da mesma, como também vemos pelos comentários de Veyne sobre a elegia erótica e de Achcar sobre os lugares-comuns. Para nós, a literatura romana soa organicamente próxima, ao passo que a grega precisa ser importada e mediada.

Por outro lado,

Horácio é poeta lírico à maneira de Heine ou Musset, poeta satírico à maneira de Pope, poeta moralista-político à maneira de Carducci; às vezes, consegue o equilíbrio pelo qual se distingue Andrew Marvell, o grande horaciano inglês. Não é o maior, mas o mais completo dos poetas romanos. (...) Horácio é um anacreôntico, um epicureu ligeiro, um irônico polido e elegante. Sabe viver e se retira em tempos de guerra e perturbação social (...) “poet’s poet” criador de frases que hoje são lugares-comuns (...). (Carpeaux, 1960)

Horácio dialoga constantemente com os acontecimentos de sua época. Horácio pertence à *época clássica da literatura romana, momento em que Roma recebe a tradição helênica e dela se apropria*. (Azevedo e Azzi, 1945). Paratore chega a falar em *sturm und drang horaciano* (Paratore, 1987) ao referir-se as odes e epodos, um período de *rebelião titânica, quase romântica* (ibid). Isso contradiz o que é sugerido por Bréchon, quando diz que Reis imita Horácio no *tom alegre* e na poesia *puramente exterior*. Os conflitos nas interpretações da produção horaciana parecem se estender ao longo do tempo e das épocas em que o sujeito crítico se localiza. Pouco antes a época em que Horácio produz, a época clássica, T. Pomponio Attico estava desenvolvendo e ampliando a comercialização de livros em Roma. A cultura helênica que tanto encantou os romanos “*donos de uma capacidade de assimilação comparável só à dos ingleses*” (Carpeaux, 1960) está vigorosamente sendo absorvida pelos latinos. Era de praxe que os jovens completassem seus estudos em Atenas ou outras cidades gregas e também assim procedeu Horácio.

Nascido em Venusia, Horácio é filho de um homem liberto que provavelmente foi, ainda menino, aprisionado juntamente com outros três mil homens durante o ataque romano a cidade de Venusia (Diodorus 37,2,10). Sua mãe nunca foi mencionada e possivelmente jamais a tenha conhecido. Horácio teve, durante toda a vida, de labutar contra o estigma de ser filho de um homem liberto. Esse ex-escravo, entretanto, trabalhando como agente de leilões, conseguiu, emprestando dinheiro para compradores que não dispunham da quantia no momento da compra e, na hora da entrega recolhendo o dinheiro, aumentar significativamente suas posses e garantir que seu filho, Quinto Horácio Flacco, nascido provavelmente no dia oito de dezembro do ano 65 a.c., não estudasse na escola local, a qual atendia essencialmente os filhos dos centuriões romanos, mas sim em uma famosa escola na cidade de Roma, onde Horácio pode entrar em contato e fazer amizades com os filhos da mais alta elite romana. Nessa época, Roma era assolada por conflitos entre os partidários de César, liderados por Clódio, e os partidários de Pompeu, liderados por Milo, que mais tarde escalaria até uma guerra civil. Após o assassinato de César, Brutus abandona a Itália e se dirige para o leste com o intuito de criar um exército. Horácio estava completando seus estudos na universidade em Atenas junto com filhos da aristocracia romana, como tradicionalmente fazia a elite da juventude romana. Em Atenas, Horácio é recrutado para o exército de Brutus, porém, na batalha na Via Egnatia, na Macedônia, no ano 42 a.c., o grupo de Horácio sofre uma derrota terrível e Horácio deserta, como ele mesmo parece relatar em uma de suas Odes (Hor. II. 7), e foge. Consegue retornar a Roma sob a anistia concedida a ele e, de volta

em Roma, compra um cargo público no secretariado do tesouro, conseguindo assim um sustento e começa a escrever. Alguns anos após entrar no círculo de Mecenas, Horácio recebe uma grande propriedade em Tivoli que era trabalhada por mais de cinco famílias e, em sua casa, possuía pelo menos oito servos. Passa a tirar, então, dali o seu sustento. Apesar de discordar do imperador, reconhece que, com Octaviano, após o ano 27 a.c., Roma está em paz e um clima de prosperidade surgiu. Recusou o oferecimento de um cargo como secretário particular do imperador justamente para evitar envolver-se em conflitos políticos. Alegou que conhecia suas limitações e assim evitou de envolver-se na vida política romana. Mesmo com a grande propriedade, Horácio viaja constantemente, visita e aproveita tudo que Roma oferece. Assim conhece grandes nomes de sua época como Pólio e Messala e, quando escreve odes e elegias a esses homens pertencentes a alta sociedade, não apenas os cita ou mostra que os conheceu e sim, como era costume, presta uma grande homenagem e muito os honra com sua poesia. Ser citado e elogiado por Horácio ou qualquer outro grande poeta da época era uma demonstração de distinção, afinal o citado torna-se digno das palavras do poeta. Responde a outros autores, comenta políticos e poderosos, constantemente agradece e elogia Mecenas que o apresentou a Virgílio e ao Imperador. A ode de número um do primeiro livro de odes de Horácio abre com um elogio a Mecenas. A ode trinta e sete do mesmo livro trata da queda de Cleópatra. A ode quinze do livro quarto comenta a paz augustana. Esses são apenas alguns exemplos de um tipo de poesia que Horácio escreve e não se encontra em Ricardo Reis. O que parece sugerir que as diferenças entre Reis e Horácio são, no mínimo, tão interessantes quanto as semelhanças.

Os temas horacianos são muito variados e cobrem ou até mesmo extrapolam a lista de lugares-comuns feita por Achcar. O professor explica, em harmonia com Paul Veyne, que os lugares-comuns da literatura romana são elementos fundamentais da literatura clássica. Os modelos gregos imitados pelos romanos são recorrentes também na literatura em sânscrito e de vários outros povos indo-europeus. O tema da morte e da imortalidade já aparece até mesmo na Epopéia de Gilgamesh. Esses lugares comuns seriam -, como descreve Achcar, a idéia constante em “Elementos de Retórica Literária” de Heinrich Lausberg - criados a partir da repetição de certos discursos, em oposição ao discurso de uso único, pelo qual entende-se a linguagem prosaica de uso prático. Os discursos que se repetem pelos mais diversos motivos acabam por compôr uma literatura de repetição através da qual os valores e conceitos de um grupo, etnia ou cultura são transmitidos para as próximas gerações. As gerações futuras, em culturas letradas, vão, aos poucos, reescrevendo e modificando essa tradição literária. O diálogo é inevitável. Como exemplo, podemos citar a relação entre a produção homérica e a educação e formação do homem grego antigo. As escolas gregas de retores costumavam exercitar seus alunos fazendo-os imitarem os diversos temas homéricos. Os exercícios consistiam em escrever, por exemplo, discursos elogiosos a algum rei ou discursos de boas-vindas a um grande senhor nos moldes em que apareceriam na Ilíada ou na Odisséia. Essa imitação dos temas homéricos modela a retórica, a literatura, a cultura e o homem grego de uma certa época. Mais tarde, os trágicos, como Ésquilo, Sófocles e Eurípides, vão fazer uso desses mesmos temas homéricos, vão usar mitos que aparecem nas epopéias homéricas, mas farão releituras e adaptações conforme suas intenções artísticas. Na *Orestéia*, por exemplo, o tema homérico do sacrifício de Ifigênia por seu pai, Agamêmnon, e a vingança de Cliteminestra recebe um novo tratamento em que Atenas, deusa da cidade de Atenas, acaba por transferir o direito de vingança, a perseguição pelas Erínias, para o Estado. Assim, esse processo de constante reescrita

dos temas passados acaba por criar certos lugares-comuns na literatura e desses Horácio, como a quase totalidade dos seus contemporâneos, faz farto uso e os define para o futuro. Horácio, por exemplo, é quem cunha a expressão “carpe diem” na ode onze do livro primeiro:

Tu ne quaesieris, scire nefas, quemm ihi, quem tibi  
finem di dederint, Leuconoe, nee Babylonios  
temptaris numeros. Ut melius, quidquid erit, pati,  
seu pluris hiemes seu tribuli Iuppiter ultimam,  
quase nunc oppositis debilitat pumicibus mare  
Tyrrhenum! Sapias, vina liques, et spatio brevi  
spem longam reseces, dum loquimur, fugerit invida  
aetas: *carpe diem*, quam minimum credula postero.  
(Hor. I. 11)

Achcar traduz como segue:

Tu não indagues (é ímpio saber) qual o fim que a mim e a ti os deuses tenham dado, Leuconé, nem recorras aos números babilônios. Tão melhor é suportar o que será! Quer Júpiter te haja concedido muitos invernos, quer seja o último que agora debilita o mar tirreno nas rochas contrapostas, que sejas sábia, coes os vinhos e, no espaço breve, cortes a longa esperança. Enquanto estamos falando, terá fugido o tempo invejoso; colhe o dia, quanto menos confiada no de amanhã.  
(Achcar, 1994, página 88)

Nessa ode, segundo Collinge, citado por Achcar, Horácio apenas repete o “carpe diem” com uma série de ditados antigos *em uma série de aforismos*. O que parece partir apenas de uma credence popular de uma mulher na numerologia babilônica, na verdade, é um tanto mais complexa, dada a realidade histórica do autor. O estoicismo e o platonismo chegam a incorporar a numerologia e a astrologia, mas o epicurismo rejeita e bane qualquer coisa que se compreenda como uma ameaça à liberdade e à paz de espírito. Isso sugere que Horácio esteja aceitando essa posição epicurista e cooperando para o banimento da numerologia e isso conforme a própria lei romana que proibia a prática da adivinhação babilônica. Bouché-Leclercq, citado por Achcar, supõe que, nesse caso, não se trata de um cético, trata-se de um crente que se arrepende de ter rompido o limite de sua própria curiosidade.

O tema da passagem do tempo aparece também em Ricardo Reis:

Vem sentar-te comigo Lídia, à beira do rio.  
Sossegadamente fitemos o seu curso e aprendamos  
Que a vida passa, e não estamos de mãos enlaçadas.

(Enlacemos as mãos.)

Depois pensemos, crianças adultas, que a vida  
Passa e não fica, nada deixa e nunca regressa,  
Vai para um mar muito longe, para ao pé do Fado,

Mais longe que os deuses.

Desenlacemos as mãos, porque não vale a pena cansarmo-nos.  
Quer gozemos, quer não gozemos, passamos como o rio.  
Mais vale saber passar silenciosamente

E sem desassossegos grandes.

Sem amores, nem ódios, nem paixões que levantam a voz,  
Nem invejas que dão movimento demais aos olhos,  
Nem cuidados, porque se os tivesse o rio sempre correria,

E sempre iria ter ao mar.

Amemo-nos tranqüilamente, pensando que podíamos,  
Se quiséssemos, trocar beijos e abraços e carícias,  
Mas que mais vale estarmos sentados ao pé um do outro

Ouvindo correr o rio e vendo-o.

Colhamos flores, pega tu nelas e deixa-as  
No colo, e que o seu perfume suavize o momento -  
Este momento em que sossegadamente não cremos em nada,

Pagãos inocentes da decadência.

Ao menos, se for sombra antes, lembrar-te-ás de mim depois  
Sem que a minha lembrança te arda ou te fira ou te mova,  
Porque nunca enlaçamos as mãos, nem nos beijamos

Nem fomos mais do que crianças.

E se antes do que eu levores o óbolo ao barqueiro sombrio,  
Eu nada terei que sofrer ao lembrar-me de ti.  
Ser-me-ás suave à memória lembrando-te assim - à beira-rio,

Pagã triste e com flores no regaço. (Reis, 39)<sup>3</sup>

Reis epicurista segue o modelo horaciano da ode quarta do livro primeiro. “*Mais vale saber passar silenciosamente E sem desassossegos grandes.*” Esses versos parecem concordar com o “*Ut melius, quidquid erit, pati,*”. Reis parece partir do tema horaciano e dar um passo adiante, visto que suas odes são, em geral, menos específicas, enquanto que as de Horácio são sempre bem específicas, partem de uma situação corrente e precisa, usando os *topoi* disponíveis. Reis, por outro lado, como em: “*Colhe o dia, porque és ele.*” parece abrir sua poesia a um tom mais abstrato de tom existencialista que é estranho a Horácio.

O tema do amor freqüentemente varia com a adição de uma ameaça relativa ao *carpe diem* como na ode décima do livro quarto de Horácio:

O crudelis adhuc et Veneris muneribus potens,  
insperata tuae cum ueniet pluma superbiae  
et, quae nun umeris inuoliant, deciderint comae,  
nunc et qui color est puniceae flore prior rosae,  
mutatus Ligurinum in faciem uerterit hispidam,  
dices, heu, quotiens te speculo uideris alterum,  
“quase mens est hodie, cur eadem non puero fuit,  
uel cur his animis incolumes non redeunt genae?”  
(Hor. IV, 10.)

Pasquali, citado por Achcar, supõe que aqui Horácio segue os modelos gregos de busca pelo amor de jovens muito cruamente, mas também não temos como não fazer a leitura de que, nas linhas finais, a voz do velho se volta para o passado e para o tempo perdido e considera por que não pensava assim quando era jovem e porque não é jovem

<sup>3</sup> Todas os números nas citações de Ricardo Reis referem-se ao número da página em que a ode consta no livro organizado pela professora Jane e editado pela LPM em 2006.

agora que pensa assim. Reis também faz uso do *topós* da ameaça amorosa:

A flor que és, não a que dás, eu quero.  
Porque me negas o que te não peço.  
Tempo há para negares  
depois de teres dado.  
Flor, sê-me flor! Se te colher avaro  
A mão da infausta esfinge, tu perene  
Sombra errarás absurda,  
Buscando o que não deste.  
(Reis, 101)

Aqui a semelhança é nítida até mesmo na sintaxe latinizante que Fernando Pessoa opta por usar e a ode só perde em especificidade, em relação a especificidade horaciana, por não ser clara a quem se refere, enquanto que Horácio até mesmo nomeia seu interlocutor.

Outro tema horaciano que merece destaque é *Exegi Monumentum* em que o autor busca, através de sua poesia, erigir um monumento que o torne eterno. Ricardo Reis com maestria usou esse tema em:

Seguro assento na coluna firme  
Dos versos em que fico, nem temo o influxo inúmero futuro  
dos tempos e do olvido;  
que a mente, quando, fica, em si contempla  
Os reflexos do mundo,  
Deles se plasma torna, e à arte o mundo  
Cria, que não a mente.  
Assim na placa o externo instante grava  
Seu ser, durando nela.  
(Reis, 89)

Quero versos que sejam como jóias  
Para que durem no porvir extenso  
E os não macule a morte  
Que em cada coisa a espreita.  
Versos onde se esquece o duro e triste  
Lapso curto dos dias e se volte  
À antiga liberdade  
Que talvez nunca houvemos  
Aqui, nestas amigas sombras postas  
Longe, onde menos nos conhece a história,  
Lembro os que urdem, cuidados,  
Seus descuidados versos.  
E mais que a todos te lembrando, screvo  
Sob o vedado sol, e, te lembrando,  
Bebo, imortal Horácio,  
Supérfluo, à tua glória.  
(Reis, 94)

Ricardo Reis, em um vocativo, reconhece a imortalidade de Horácio, por ele chama, ao lado dele, em igualdade, se coloca respondendo o que foi dito pelo segundo, Horácio, que parece ter sido um grande crente na sua imortalidade, e assim diz:

Non usitata nec tenui ferar  
penna biformis per liquidum aethera



uates neque in terris morabor  
longius inuidiaque maior  
urbis relinguam. Non ego pauperum  
sanguis parentum, non ego quem uocas,  
dilecte Maecenas, obibo  
nec Stygia cohibedor unda.  
Iam iam residunt cruribus asperae  
pelles et album mutor in alitem  
superne nascunturque leues  
per digitos umerosque plumae.  
Iam Daedaleo notior Icaro  
uisam gementis litora Bosphori  
Syrtisque Gaetulas canorus  
ales Hyperboreosque campos.  
Me Colchus et qui dissimular metum  
Marsae cohortis Dacus et ultimi  
noscent Geloni, me peritus  
disces Hiber Rhodanique portor.  
Absint inani funere neniae  
luctusque turpes et querimoniae;  
compesce clamorem ac sepulcri  
mitte supervacuos honores.  
(Hor. II, 20.)

Da inveja vencedora, em nova forma,  
Com desusadas penas, ave altiva,  
Rompendo os ares líqüidos, mui longe  
Irei do térreo globo.  
Úteis mistérios, lúcidas verdades  
Me consagraram Vate; a Morte mesma  
Coá foice, envergonhada, retrocede,  
Submete-me o futuro.  
Não morrerei; pasmados os tiranos  
Saberão que no túmulo não caibo;  
Que em vão da Stígia as ondas sonolentas  
Intentam comprimir-me.  
Já me alveja a cabeça; as brancas plumas  
Sobre todo o meu corpo se difundem;  
Sinto nos ombros musculosas asas  
Que do chão me remontam.  
Cisne canoro, atravessando as plagas  
Mais veloz do que Dédalo voando,  
As margens hei de ver do ameno Tejo,  
Hei de ouvir-lhe os gemidos.

Marquesa de Alorna  
(Achcar, 1994)

Exegi monumentum aere perennius  
regalique situ pyramidum altius,  
quid non imber edax, non Aquilo inpotens  
possit diruere aut innumerabilis  
annorum series et fuga temporum.  
Non omnis moriar multaue pars mei  
uitabit Libitinam: usque ego postera  
crescam laude recens, dum Capoutolium  
scandet cum tacita uirgine pontifex:  
dicar, qua uolens obstrepit Aufidus

et qua pauper aquae Daunus agrestium  
regnauit populorum, ex humili potens  
princeps Aeolium carmen ad Italos  
deduxisse modos. Sume superbiam  
quaesitam meritis et mihi Delphica  
lauro cinge uolens, Melpomene, comam.  
(Hor. III, 30.)

Mais perene que o bronze um monumento  
ergui, mais alto e régio que as pirâmides,  
nem o roer da chuva nem a fúria  
de Áquilo o tocarão, tampouco o tempo  
ou a série dos anos. Imortal  
em grande parte, a morte só de um pouco  
de mim se apossará. Que eu semprenovo,  
acrescido em louvor, hei de crescer  
enquanto ao Capitólio suba o Sumo  
Sacerdote e a calada vestal. Aonde  
violento o Áufido espadana, aonde  
depauperado de água o Dauno agrestes  
povos regeu, de humilde e poderoso  
dirão que eu passei: príncipe, o primeiro  
em dar o eólio canto ao modo itálico.  
Assume os altos méritos, Melpómene:  
cinge-me a frente do laurel de Apolo.  
Haroldo de Campos  
(Achcar, 1994)

A última ode citada encerra o terceiro livro de odes de Horácio afirmando que o poeta construiu para si um monumento mais duradouro que o bronze e maior que as pirâmides. No anterior, o poeta que não cabe na cova se transforma em um cisne de asas fortes que voará por todo o mundo. Assim vemos também o tema da imortalidade repetido através da história. Aquiles prefere uma vida curta, morrer gloriosamente e ser lembrado a viver em felicidade até a velhice e ser esquecido. Da mesma forma Safo, Píndaro, Simônides, Teógnis, Horácio, Ricardo Reis.  
Até agora, triunfaram.

## REFERÊNCIAS

- ACHCAR, Francisco. *Lírica e lugar-comum, alguns temas de Horácio e sua presença em português*. São Paulo, EDUSP, 1994.
- AZEVEDO, Fernando de. e AZZI, Francisco. *Paginas Latinas. Pequena História da Literatura Romana Pelos Textos*. São Paulo, Companhia Melhoramentos de São Paulo, 1945.
- BRÉCHON, Robert. *Fernando Pessoa – Estranho Estrangeiro (Uma Biografia)*. Rio de Janeiro, Record, 1998.
- CARPEAUX, Otto Maria. *História da Literatura Ocidental, Volume 1 e 7*. Rio de Janeiro, O Cruzeiro, 1960.
- FLACCUS, Quintus Horatius. *Odes and Epodes*. Harvard University Press, London, 2004.
- \_\_\_\_\_. *Satires, Epistles and Ars Poetica*. Harvard University Press, London, 2005.
- FRIEDERICH, Hugo. *Estrutura da Lírica Moderna*. São Paulo, Duas Cidades, 1978.

- MARMORALE, Enzo V. *História da Literatura Latina I*. Lisboa, Editorial Estudos Cor, 1974.
- MOISÉS, Massaud. *A Literatura Portuguesa Através Dos Textos*. São Paulo, Cultrix, 2004.
- PARATORE, Ettore. *História da Literatura Latina*. Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian, 1987.
- PESSOA, Fernando. *Obra Poética e em Prosa*, Ed. António Quadros. Porto, Lello & Irmão, 1986.
- \_\_\_\_\_. *Odes de Ricardo Reis*. Porto Alegre, LPM, 2006.
- \_\_\_\_\_. *Odes de Ricardo Reis*. Lisboa, Ática, 1952.
- SARAIVA, José Antônio e LOPES, Oscar. *História da Literatura Portuguesa*. Porto, Porto Editora.
- SOUZA, Rômulo Augusto de. *Manual de História da Literatura Latina*. Belém, Serviço de Imprensa Universitária, 1977.
- TOYNBEE, Arnold J. *Helenismo: história de uma civilização*. Rio de Janeiro, Zahar Editores, 1975.
- VEYNE, Paul. *A Elegia Erótica Romana. O amor, A Poesia e O Ocidente*. São Paulo, Editora Brasiliense, 1985.